

# ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

## SUMMARIO

ALCINDO GUANABARA. ....	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE. ...	A.
FRUCTO PROHIBIDO. ....	Adelino Fontoura.
ESTALACTITES. ..	Cosimo.
NO DIA DOS MORTOS. ...	Guimaraens Passos.
ALMEIDA JUNIOR. ....	X.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO ...	Alfredo Bastos.
THEATROS. ....	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

**MONSENHOR LUIZ RAYMUNDO DA SILVA BRITO**

## ALCINDO GUANABARA

Filho legitimo do Sr. Manoel José da Silva Guanabara e de D. Julia de Almeida e Silva, nasceu Alcindo Guanabara aos 19 de Julho de 1865, na freguezia de Guapy-merim, municipio de Magé, no Rio de Janeiro, onde seus paes exerciam o magisterio primario como professores publicos.

A primeira infancia passou-a por varios pontos da provincia aonde o levava a profissão dos paes : Nictheroy, S. Fidelis, Monte Verde, Parahyba do Sul e Mangaratiba. Nesta terminou o seu curso primario assaz desenvolvido pelo que lhe transmittiram os paes, ambos formados pela antiga e acreditada Escola Normal de Nictheroy.

Alcindo tinha então trese annos. Atirou-se ao trabalho, ora ensinando aos de menor idade o pouco que aprendêra, ora enfrentando o trabalho manual.

Com o vigario da freguezia de Mangaratiba aprendeu os primeiros rudimentos de latim e a ajudar missa.

Por esse tempo o fallecido bispo D. Pedro Lacerda fez uma visita pastoral á provincia, e lá foi elle ajudal-o a dizer a missa e até a cantar a epis-

tola n'uma missa pontifical. Parecia revelada a vocação do menino. O bispo quiz fazel-o padre e offereceu-se para educal-o á sua custa. Elle recusou.

Foram seus paes transferidos para Petropolis, onde então funcionava, com grande fama, o collegio dirigido pelo Sr. José Ferreira da Paixão. Elle foi, como muitos outros, admittido como alumno externo gratuito. Ahi foi simultaneamente alumno, bedel de meninos e depois professor, regendo a aula de mathematicas elementares.

Um anno depois de completado o curso de preparatorios, em 1884, veio Alcindo para esta capital e matriculou-se na Faculdade de Medicina. Fez exame de um anno só, mas cursou até o quarto.

Difficuldades pecuniaras levaram-n'o a ser successivamente porteiro do Jockey-Club, e inspector de alumnos do Asylo de Meninos Desvalidos. Entrou em seguida para a *Gazeta da Tarde* como simples noticiarista ; mas em 1887 resolveu-se a abrir caminho na imprensa, e assumio a redacção do jornal *Novidades*, que Moreira Sampaio acabava de fundar. Fez-se ahi jornalista politico.

Redigio depois o *Diario do Commercio* e o *Correio do Povo* (1889) e em 1891 entrou para a redacção do *Jornal do Commercio*, d'onde se retirou o anno passado por divergencias politicas.

Collaborou nas folhas litterarias *Semana e Vida Moderna*.

Foi eleito em 1889 deputado ao Congresso Constituinte pelo estado de seu nascimento, e acaba de ser nomeado Superintendente Geral de Immigração na Europa.

\*

Eis ahi, em largos traços, a vida heroica d'esse illustre rapaz, filho de suas obras e do seu extraordinario merecimento.

Está na memoria de todos a geral surpresa que em 1887 causaram os seus editoriaes politicos das *Novidades*, em cujas columnas elle publicou artigos financeiros, escriptos com tal proficiencia, que muita gente os attribuiu á penna ou, pelo menos, á inspiração de Francisco Belisario.

Arvorado, infelizmente, em paladino de uma causa antipathica e odiosa, a causa dos senhores contra os escravizados, da oppressão contra a justiça, do mal contra o bem, das trevas contra a luz, Alcindo soube, pela fulguração do seu talento de jornalista, ficar de pé, sobranceiro e inconcusso, quando a lei de 13 de Maio illuminou impetuosamente a Patria brasileira, e supprimio essa vergonha que nos deshonrava e abatia,—a escravidão.

Tanto assim foi que a Republica entendeu que Alcindo Guanabara não era homem que uma transformação, fosse qual fosse, podesse relegar para os segundos planos do palco da politica, e fel-o deputado.

Todos sabem que o moço fluminense desempenhou um papel muito distincto no Congresso Nacional, e que o tribuno parlamentar não desmentio o jornalista. Que o diga a sua collaboração na lei fundamental da Republica, que o diga a discussão dos auxilios á lavoura, etc.

\*

Alcindo Guanabara, cujas aptidões são numerosas e variadas, seria um bello romancista, um excelente fazedor de contos, criticas, versos e chronicas, se a politica o não houvesse absorvido e sequestrado.

Os seus escriptos litterarios, publicados aqui e alli, são primorosos de graça e elegancia, conceituosos sempre, e de uma fórma irreprehensivelmente portugueza. Elle fez de *Aranha Minor* um pseudonymo illustre, que infelizmente desapareceu.

Nomeado Superintendente Geral de Immigração na Europa, Alcindo Guanabara parte por estes dias para o velho mundo, em companhia da esposa e de dous filhinhos que adora.

Naturalmente vae prestar grandes e inolvidaveis serviços ao seu paiz.

A. A.

### CHRONICA FLUMINENSE

A' vista das desordens havidas no Sacramento por occasião das eleições municipaes d'esta semana, parece que voltamos aos bellos tempos do entra-juca e da flor da minha gente.

Ha quem attribua o caso ao feclamento da Cabeça de Porco. Ficaram sem domicilio alguns capadocios que, para esparecer o seu infortunio, se entretiveram em «levantar poeira» nas diversas secções eleitoraes d'aquelle districto.

Se assim não foi realmente, força é confessar que Leite Borges, o cidadão mais votado, é homem de decidida influencia.

\*

E é. Eu acompanho ha muito tempo a vida publica de Leite Borges. Elle a principio era

portuguez e tinha uma pequena loja na rua do Ouvidor. O Sr. Tito de Mattos, quando foi chefe de policia, pedio-lhe que se naturalisasse, e confiou-lhe a subdelegacia do Sacramento. Os inolvidaveis serviços que elle prestou n'esse cargo não se commentam n'uma simples chronica ligeira e frivola.

Leite Borges deixou ao mesino tempo a vara de subdelegado e o metro de lojista, votando-se de corpo e alma ao beneficio d'este paiz. Não ha individuo que tenha feito tanto por uma patria de emprestimo. E' por isso que o eleitorado do Sacramento suffraga o seu nome para intendente municipal, deixa-se esbordoar por amor d'elle, e é capaz até de levantar-lhe uma estatua em vida.

A nomeação do Sr. Dr. Getulio das Neves, o vice-Portella, para director do Banco da Republica do Brasil causou surpresa a toda a gente. Se o nomeado fosse Leite Borges, ninguem se surprenderia, porque Leite Borges é um benemerito da Patria, e os benemeritos da Patria são dignos dos cargos mais elevados e de maior confiança.

\*

Chegou da Europa a actriz Leonor Rivero.

O *Paiç*, que é uma das nossas folhas mais bem informadas, assegura que «fez grande sensação em Lisboa essa cantora, que na sua viagem de Pariz a esta capital esteve alli alguns dias». E acrescenta que «a imprensa lisbonense tece-lhe grandes elogios».

Ora, eu perguntei sempre aos meus botões porque motivo Lisboa pateou a Patti, e os meus botões nunca me responderam. O motivo ali está: Lisboa pateou a Patti, porque reservava todos os seus applausos, toda a sua adinração, todo o seu entusiasmo para a Leonor Rivero, essa especie de Leite Borges da arte do canto.

Já não me admira que a Fantony, uma pobre rapariga que passou quasi despercebida nos nossos theatros da opereta, agradasse tanto na capital portugueza, e que Ramalho Ortigão escrevesse para a *Gazeta de Noticias*, dizendo que o Brasil estava mais proveitosamente representado no velho mundo pela Cinira Polonio que por todos os seus agentes diplomaticos.

Ah, Leonor, Leonor! se Lisboa te conhecesse no tempo do João Chrysostimo..!

\*

A *Cidade do Rio* appareceu-nos no dia 1 com o dobro do tamanho que tinha, e deixou de ser jornal da tarde; podemos apreciar-a agora entre os goles do café matinal, á hora em que o sol ascende no horisonte.

Faço votos pela prosperidade da sympathica folha fluminense, que foi, pôde-se dizer, o estandarte mais glorioso da redempção dos captivos.

Amparada por nomes illustres como os de José do Patrocinio, Olavo Bilac, Luiz Murat, Emilio

Nusbaun, Alberto de Carvalho e outros, a *Cidade do Rio* pôde contar com o mais brilhante futuro.

\*

Na rua do Ouvidor, entre dous bohemios das letras:

— Então o *Tempo* matou o Juca Reis?

— Foi bem feito!

— ?

— O Juca Reis em toda a sua vida não tem feito outra coisa senão matar o tempo.

A.

Supportei, quasi louco, o soffrimento mudo  
De quem nas trevas busca uma illusão perdida,  
E, descrente de Deus, de todos e de tudo,  
Fiz de poeta e chorei para estudar a vida.

Pouco depois o moço exclama n'um assomo de mysantropia digno de Alceste:

Victima da tristeza e do tedio profundo  
Olho com tanto nojo este mundo que habito,  
Que procuro viver bem distante do mundo,  
Abandonado e só, como infeliz precito.

### FRUCTO PROHIBIDO

Escravo d'essa angelica meiguice,  
Por uma lei fatal como um castigo,  
Não abrigára tanta dor commigo,  
Se este affecto que sinto não sentisse.

Que te não dôa, emtanto, isto que digo,  
Nem as magoadas fallas que te disse;  
Não t'as dissera nunca se não visse  
Que por dizel-as minha dor mitigo.

Longe de ti, sereno e resoluto  
Irei morrer, miserrimo, esquecido,  
Mas hei de amar-te sempre, anjo impolluto.

E's para mim o fructo prohibido;  
Não pousarei meus labios n'esse fructo,  
Mas morrerei sem nunca ter vivido.

ADELINO FONTOURA.

### ESTALACTITES

O Sr. Julio Cezar da Silva enviou ao *Album* um exemplar das *Estalactites*, o seu primeiro livro de versos, publicado ha mezes na capital de S. Paulo.

Estas noventa paginas são mais que uma esperança: traduzem a realidade mais bella e positiva. Entretanto, passaram completamente despercebidas. Nunca se accentuou com tanta ferocidade a classica e odiosa indifferença do publico.

Dizem-nos que o poeta não tem ainda vinte annos; entretanto, ha muito tempo não havia nas letras brasileiras estreia tão auspiciosa e brilhante. Póde-se mais uma vez invocar a velha chapa da deusa que nasceu armada. E Julio Cezar da Silva não é poeta que se deixe ficar neste volume de estudante.

O unico senão que o livro me depara é, em certos pontos, uma exagerada melancolia, uma

tristeza que não creio sincera, um desalento sem razão de ser. O volume abre com esta estrophe:

Felizmente esse pessimismo agudo não ensombra todas as paginas do livro. Muitas estão saturadas de philosophia alegre, e do lyrismo risonho que nos encanta e rejuvenesce quando lemos o grande poeta do seculo, o incomparavel Musset. *Barcarola*, por exemplo (pag. 51), é um singelo e pequenino modelo do genero.

Entretanto, o poeta é capaz de grandes vãos. *Averno* (pag. 29) é uma composição elevada. O mesino diremos da *Aguia* (pag. 59), em que se leem arrojadas e opulentas sextilhas.

O autor das *Estalactites* compraz-se em vencer difficuldades que só apreciam aquelles que se entregam á nobre e honesta occupação dos versos. Haja vista este soneto:

#### SOBRE UM SEIO

Moida pelo cansaço do passeio,  
Molle, meio deitada sobre o banco,  
Tu me pediste, n'um sorriso franco,  
Que te escrevesse uns versos sobre o seio.

Esse pedido apenas aceitei-o,  
Despindo a capa n'um febril arranco,  
Toda risonha me mostraste o branco  
Macio collo a palpitar de aneio.

Puz o papel sobre elle; aos poucos, ia  
Leves signaes a minha mão traçando,  
Mas a folha rompia-se aos bocados;

E, á proporção que a folha se rompia,  
Sobre o teu collo morno iam ficando  
Os caracteres tremulos gravados...

O profano achará muito extravagante esse novo systema de escrevaninha; o iniciado applaudirá o esforço e a habilidade com que a scena foi mettida n'um soneto.

E já agora que transcrevemos um soneto inteiro, não nos furtaremos ao prazer de reproduzir outro, que nos pareceu bellissimo, com um perfume pagão de myrrha e pampano, e vestindo á ultima moda roupa tálhada nos tecidos da Arcadia:

## DANSA CAMPESTRE

Penetra a selva a deusa. Alguem, distante,  
Já lhe acompanha o branco vulto, esquivo.  
Exhalam as lezírias esse activo  
Chelro subtil do láthyro fragrante.

Ao ver-lhe os seios brancos, todo amante,  
Um capripede satyro lascivo  
Baba-se e roja-se-lhe aos pés, captivo...  
Das aves rompe o festival descante.

E empunha a flauta a deusa, e vae tocando.  
Logo dos montes por sinuosos trilhos  
Descem napéas, dryades em bando.

E nedios touros, placidos novilhos  
Dansam, e vão pelas rechás dansando,  
Da agreste flauta aos módulos tonilhos.

Julio Cezar da Silva é um puritano da fórmula,  
um observador submisso e reverente de todas as  
regras da boa poesia portugueza. Uma singularidade:  
em todo o seu livro só ha dous versos agudos.

COSIMO.

A poesia que em seguida publicamos pertence a  
um livro, *Psalterion*, que o estimado poeta dos  
*Versos de um simples* actualmente prepara.

## NO DIA DOS MORTOS

Itē, rime dolenti, al duro sasso  
Che'l mio caro tesoro in terra asconde!

PETRARCA.

Não penses que as minhas dores  
Sepultaram-se contigo,  
Porque hoje, no teu jazigo,  
Não fui levar-te umas flores;

Nem a minha desventura  
Jorrou em ondas de pranto  
No meio do Campo-Santo  
Sobre a tua sepultura;

Nem minha voz triste e calma  
Ouvio o marmor sombrio  
Sob o qual repousa frio  
Teu corpo, ou antes: minha alma;

Nem meus joelhos tombaram  
Sobre a cova que te occulta,  
Sobre a terra que sepulta  
Os sonhos que me arrancaram.

Fiquei só; fiquei pensando  
Porque é que tu vieste ao mundo,  
Se nasceste — e n'um segundo  
Foste ao tumulto baixando.

Morreste sem agonia,  
Mas morreste... De maneira,  
Que vale uma vida inteira  
Tua existencia de um dia.

Approximou-nos a sorte,  
Ligou-nos um só desejo,  
E o nosso primeiro beijo  
Quebrou-o entre nós a morte.

Busquei-te com anciedade,  
Foste minha, com effeito,  
Senti teu peito em meu peito,  
Pensei na felicidade.

Eras minha: eu te adorava;  
Era teu: tu me querias...  
Que coisas tu me dizias,  
Que coisas eu te contava!

Que instante doce e funesto!  
Que prelúdio repentino!  
Deus fez o homem — o destino  
Encarregou-se do resto.

De que nos vale a esperança?  
Buscamol-a tanto, e apenas  
E' uma ave que deixa as pennas  
Na mão que um minuto a alcança.

A vida é uma eterna magua;  
E' loucura ter juizo;  
A lagryma espia o riso,  
E o r. enche os olhos d'agua.

E enquanto o peito padece,  
A natureza (que ingrata!)  
Da mesma sorte nos trata,  
Finge que não nos conhece.

Atufa os vales de flores.  
Enche as florestas de ninhos,  
E os cantos dos passarinhos  
São echos das nossas dores.

Erguemos a voz repleta  
De angustia ao céu, e elle, em côro,  
Canta, alegre, e estrellas de ouro  
Brilham na abobada quieta.

A aurora as nuvens descerra,  
Surge o sol, e a alma que sonha  
Accorda — e vê a medonha  
Sombra do corpo na terra.

Oh! que desespero insano!  
A luz não nos atravessa  
Para que mais transpareça  
Quanto é negro o corpo humano.

Que somos? A natureza  
Inventou-nos tão somente  
Para que o homem, indifferente,  
Ria da alheia tristeza.

Sangra um peito nas raizes?  
Affligem-se algumas almas?  
Quantos homens batem palmas!  
Quantos se julgam felizes!

Desgraçados! Desgraçados  
Hão de ser, como nós fomos.  
(Obra escripta em tantos tomos  
E todos elles errados.)

E eu te sonhei tão gloriosa,  
Tu que me eras na existencia  
A estrella da Providencia,  
Anjo de azas côr de rosa.

Fitava-te o meigo rosto  
E á luz dos teus olhos calmos  
Ouvia piedosos psalmos,  
Adormecia de gosto.



ALCINDO GUANABARA



Ao teu corpo alvo de neve  
Diana pediria venia,  
Cheirava como a gardenia,  
Como uma pluma era leve.

Tua cabeça eu tomava  
Nas mãos, conchegando-a ao seio,  
Beijando-a, beijando-a alheio  
A tudo que me cercava.

Que pensamentos risonhos  
Vinham-te à frente modesta :  
Era uma sala de festa  
Onde brincavam mil sonhos.

Muita vez nem dava ensejo  
A que tu fallasses, quasi.  
Porque eu a tua doce frase  
Interrompia com um beijo.

E beijava-te, beijava  
Teus olhos de luz tão pura.  
Que toda a minha ventura  
Do teu olhar emanava.

Como tudo n'um minuto  
Desappareceu de todo !  
De um homem fez Deus um doudo.  
Das galas fez Deus o lucto.

O meu destino foi este...  
Vivo na terra de bruços ;  
Os meus hymnos são soluços,  
O meu loureiro o cypreste.

Porém não penses que chora  
Meu coração, que este louco  
Foi contigo a pouco e pouco  
Aonde o teu hoje mora.

Chora o cadaver que ainda  
Com a morte se diverte,  
Que a vida em lagrymas verte,  
Miséria ! sem a ver finda.

Chora o atomo mesquinho  
Que adora quem uão existe ;  
Que implora uma sombra triste  
Para um pesthumo carinho.

Chora o cego que a apagada  
Visão busca, e a vista escura  
Firma, procura, procura...  
E só vê que não vê nada.

Desgraçado prisioneiro,  
Cuja maior agonia  
E' não ter o sol de um dia,  
Não ter na dôr companheiro.

Neste silencio que gelo !  
Neste vacuo que tristeza !  
Minha frente, ó natureza,  
Marcaste com ignobil selo !

E exhausto prostro-me ; e penso  
Que um thurybulo invisivel  
Move-se no ar, e imperceptivel  
Desprende um tremulo incenso .

E uma luz branca, tenuissima,  
Corporisa o fumo leve,  
E uma fôrma muito breve,  
Aérea, vaga, suavissima,

Solemnemente se adianta  
Grave, muda, magestosa...  
Uma aria mysteriosa,  
Longinquã, no espaço canta.

Chega-se a mim ; na luz calma  
Dos seus olhos doloridos  
Ha sonhos interrompidos,  
Boiam fragmentos de uma alma.

E nas faces transparentes,  
Pisadas de magoa, afflictas,  
Correm duas longas fitas,  
Duas lagrymas trementes.

Olha-me immovel... « Existes ? »  
Eu lhe pergunto, e diviso,  
Meigo, o ensaio de um sorriso  
Fluctuando em seus labios tristes.

Porque vens ao meu retiro ?  
Morta ! Morta ! ainda me adoras ?  
Se não vives porque choras ?... »  
E em prolongado suspiro

A sua sombra esmaece ;  
Diffunde-se a luz que a fôrma,  
E aos poucos, muda, a sua fôrma  
De todo desaparece...

\*

E assim tu vaes me deixando  
Na dor que a te amar me exhorta.  
Adeus, adorada Morta,  
Morta que eu morro adorando !

GUIMARAENS PASSOS.

2-11-92.

## ALMEIDA JUNIOR

No *Diario Popular*, de S. Paulo, encontrámos noticias do autor do *Descanço do modelo* e dos *Caipiras negaceando*.

Um collaborador d'aquella folha enviou-lhe as seguintes linhas :

« Em visita ao *atelier* de Almeida Junior, notavel pintor que é uma das mais legitimas glorias paulistas, tivemos occasião de ver, sabbado, o seu ultimo trabalho, a que está dando a ultima demão.

« E' uma têla de 2 metros e 60 centímetros de largura com 1 metro e 80 de altura, contendo, em grupo, na hora do café, a familia do Sr. Dr. Ezequiel Ramos, presidente do Senado. E' um grupo de sete pessoas, ao redor de uma mesa onde se serve o café. O chefe da familia, sentado em uma cadeira de canna da India, lê e commenta um facto do *Correio Paulistano*. A' sua esquerda, sobre o ladrilho (porque o grupo está n'um terraço), vê-se um numero do *Estado de S. Paulo*, cahido meio em pé, com umas dobras admiraveis.

« O numero do *Correio* destaca-se de tal modo que até parece que aquillo não é pintado.

« As figuras são tratadas com aquelle esmero e fidelidade que todos admiram no grande artista. Todo o conjunto guarda as posições de um momento, perfectas, admiravelmente apanhadas. Emquanto o illustre senador commenta o que lê, at-

tento, mergulhado na leitura, o filho mais moço espera uma brecha para offerecer-lhe o café.

«E' um primor, do outro lado da tēla, o panneamento de um vestido de seda que não chega a tocar o ladrilho. A luz e a sombra são alli tão bem combinadas, que a arte *naturalistica* se impõe naquelle canto da tēla, roubando á Natureza a sua mais real manifestação.

«O terraço abre-se sobre os horizontes do Braz, e o pedaço alli contido não é uma *representação*, é uma *vida*, é um trecho que fica, que encanta pela redução da paizagem, redução que não desmereceu o natural em uma linha sequer.

«Emfim, n'uma pequena noticia, feita ás pressas, que mais dizer senão o que ahí fica?

«Em resumo:—é um trabalho magnifico esse ultimo trabalho de Almeida Junior».

X.

## AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

### III

(Continuação)

O moço queria responder ao aparte, e vio prejudicado o seu intento, porque bem longe ia a imprudente. Carmen fizera-o propositalmente. Esquivara-se da quadrilha, por momentos, e surpreendendo a conversa entre a mãe e o seu amigo de infancia, não quiz perder occasião de cortar a meio o colloquio, pondo em retirada o argumento do moço.

Dolores conteve-se e disfarçou do melhor modo possivel a commoção que a possuira n'esse instante.

Lucio voltou-se e leu no rosto d'ella a expressão do máo estar.

As faces da esposa do coronel Blanco ostentavam uma pallidez profunda, propria das mulheres que voltam a si depois de um prolongado ataque de nervos.

— E' certo o que diz Carmen?

— O senhor é um pessimista? perguntou ella, dando ao tom da voz certa vibração propria das mulheres commovidas.

— Detesto a escola pessimista como tambem não me aventuro a jurar fidelidade ao optimismo; entretanto, coisa singular!... prefiro peccar por excesso a peccar por defeito. O termo medio é o melhor. Por isso, como ha pouco lhe ia dizendo, considero a mulher debaixo de muitos aspectos, segundo a posição que lhe assigna a sua condição social.

— Isto é... como disse: da mulher de salão á esposa, á mãe, á irmã, á amante, vac um abysmo?

— Precisamente, é isso mesmo. Em Montevideo o sorriso é facil; a amabilidade é um dote das nossas

compatriotas. E' necessario que o estrangeiro inexperiencede sacrifique a vaidade e descreia de todos esses sorrisos.

— Como assim?...

— E' o que lhe digo: a mulher de salão ri por convenção; tem necessidade de demonstrar a todos que está alegre. Ahí temos o nosso par da esquerda. Veja que sorrisos!... Tudo aquillo é ephemero... Ainda mais... Preste attenção... Vio?

— Vi... o cavalheiro acaba de dar ao par um ramo de violetas...

— E que mais?...

— Ella colloca-o no seio...

— E' vulgar esse acto?

— Vulgarissimo.

— Pois bem, em Pariz tudo isso seria feito ás occultas, se aquelle rapaz amasse... Entretanto... é tão vulgar, como diz!... Declaro-lhe que na minha qualidade de moço solteiro, gósto da mulher de salão em Montevideo.

— Porque?

— Por simples razão: em Pariz, a mulher em todos os saráos só se lembra que tem competidoras. O espirito da pariziense vive preocupado por mil nadas. A mulher, lá, entra n'um salão, lança o olhar de aguia, faz a si mesma esta pergunta: «Quem estará mais bem vestida do que eu?» e principia a passar revista. O vestido, o penteado, a pintura das faces, o rasgado dos olhos, o carmim dos labios, os postiços do cabello, o Luiz XV que lhe enclausura os pés, o leque, o talho do corpinho, os adornos todos, são detalhadamente inspeccionados. A pariziense divaga, aceita e responde declarações de amor, tem sempre um dito de espirito para repellir as pretensões mal cabidas, illude e contenta a todos, sem perder jamais de vista as *toilettes* das outras mulheres.

— Que horror!...

— Mil vezes horror!... E' o que não se dá nos salões de Montevideo. A mulher esquece a mulher para dar-se á conversação animada. Desde que principiam as *soirées*, animação, interesse, vida, entusiasmo febril conservam os espiritos a mais e mais impressionados; não ha selecção dos sexos. Não ha necessidade de mestres de cerimonia, uns individuos ridiculos que andam pelos salões a pedir ás visitas que dansem e aos moços que tirem pares. E as horas? Ninguem as sente passar. Se não houvesse os relógios imprudentes dos velhos, os saráos viriam romper a aurora. Não sei explicar-lhe bem as impressões que recebi, passando da sociedade pariziense para a sociedade montevideana; entretanto, grande disparidade existe entre as duas. Nós, os descendentes dos velhos subditos de Castella, d'esses lendarios heróes de Navas e de Tolosa, criados no meio dia da Europa e nascidos sob a ardentia benefica do sul, devemos coparticipar da consaguinidade e por consequencia dar-nos a estas expansões. O sangue ferve-nos nas arterias; o nosso systema nervoso não é flacido como o dos filhos do norte eu-



ropeu. Depois... bem analysado, outro motivo nos especifica, estabelecendo uma linha divisoria entre hespanhoes e orientaes.

— Qual?

— A condição de ser americano. O americano não se cria como o europeu. As illusões succedem-se diariamente; peccamos por imprudentes, por exaltados, e, em unateria de amor, somos impressionistas.

— O que é pessimo...

— Mas... o que é irremediavel, porque é do nosso organismo.

— N'esse caso o amor é farça...

— Não, quando se tem estudado a sociedade em que se vive. Ha homens que vão direito ao amor. porque basta um simples olhar de inspecção para saber onde existe esse dom.

Lucio suspendeu n'este intante a palavra. Terminava a quadrilha, e elle dispunha-se a despedir-se. Dolores, porém, pousou o braço no do moço, e pronunciou com imposição:

— Prosiga, Lucio.

— Mas... que dizia eu?

— Que basta um simples olhar para saber onde encontrar o amor...

— E' verdade.

— Prove.

— E' uma exigencia!.. Entretanto, se me obriga, se m'o exige, estou decidido a passar por cima das conveniencias sociaes para provar a veracidade das minhas convicções.

— Dou-lhe a liberdade de discorrer. Se tem bastante coragem e certeza, passeie por sobre os grupos que enfeitam este salão o seu olhar de magico, e diga-me onde está o amor, grande, nobre, entusiastico!...

Lucio sorriu maliciosamente.

— Não affirmo enconral-o, vivo, palpitante, activo. Afição que d'esta multidão de convidados, onde a belleza se casa com a elegancia, isola-se uma individualidade, capaz de grandes sentimentos. Lê-se-lhe no rosto o incomprehensivel, mas... adivinha-se-lhe a alma.

O par continuava a passear.

De repente, por habil tactica, o moço postou-se em frente a Carmen, que vinha pelo braço do mesmo cavalheiro.

Houve um minuto de hesitação.

Carmen levantou os olhos e sustentou, sem pestanejar, o olhar energico de Lucio.

Depois, sorriu e corou como que vencida.

Lucio recuou, cedeu o passo, e, voltando-se para Dolores sem deixar de seguir com o olhar a companheira de infancia, pronunciou algumas palavras como conclusão de uma phrase antes interrompida.

— Alli vae...

— E' o coração de Carmen? perguntou Dolores.

— Precisamente, o coração de Carmen.

Dolores convulsionou-se n'um riso estridulo, prolongado e sarcastico que chamou a attenção.

— Que tem? interrogou Lucio.

— Errou! Bem dizia eu que depois de muito inspecionar, erraria o caminho, e iria dar a um coração de gelo.

— De gelo?

— Sem duvida, porque, embora contra minha filha, devo dizer a verdade.

Lucio sorriu ainda, com certo ar de descrença, admirado de ouvir aquellas palavras tão pouco em harmonia com o sentimento materno.

— Decididamente — disse o moço — ha um grande enigma em tudo isto.

— Um dia... Por hoje só lhe direi que o coração não é esse, ardente, entusiastico, que o senhor procura. Esse... bem sei onde o encontraria.

— Onde?...

Dolores não respondeu. Pedio desculpa ao parceiro, retirou o braço e desapareceu por entre os grupos que valsavam.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

## THEATROS

No Lucinda, primeira representação da *Moura de Silves*, opera-comica em 3 actos e 5 quadros, letra de Lorjô Tavares, musica de Guerreiro da Costa.

Tão elogiada veio de Lisboa esta peça, que, francamente, esperavamos coisa melhor. O libretto pareceu-nos um d'esses dramalhões sombrios, que os hespanhóes transformiam em zarzuelas, e a musica... a musica não nos aborreceu, mas deixou-nos frios como se a tivéssemos ouvido cem vezes. Não é profundamente original, nem é característica, segundo convinha ao assumpto mourisco do drama.

A peça, que foi a estreia theatral de Lorjô Tavares, não é mal feita, e o dialogo parece escripto por quem sabe do officio; o que lhe falta é ser um libretto de opera-comica, e ter graça.

O desempenho dos papeis não é máo, comquanto não nos impouha como um dever de consciencia destacar A ou B. Póde-se empregar a velha chapa: «Concorreram todos para o bom exito da representação». Pepa, a bella e graciosa Pepa, é a moura de Silves.

N'um papel de velho marinheiro reapareceu o estimado actor Joaquim Maia, que ha muito tempo estava sem theatro, e foi agora accrescentar a lista dos Joaquins do Lucinda. Folgamos em vel-o restituído á sua arte.

Na *Moura de Silves* o que se póde louvar sem reservas é a ensenação. Sousa Bastos sabe que o publico fluminense está habituado ao bom e ao bonito, e montou a peça a valer, com grande luxo de scenarios e rouparia.

Pois que o público lhe pague tantos esforços e atenções.

\*

A representação do *Guarany*, no Polytheama, assumio as proporções de um escandalo. A pobre opera brasileira tem sido ultimamente muito infeliz no Rio de Janeiro, mas não nos lembramos de a ter visto e ouvido nunca tão sacrificada como agora pela companhia Sanzone.

Ainda ha espectadores, meigamente resignados, que tudo perdoam a essa empreza em attenção ao preço reduzido dos bilhetes; o grande publico, porém, já principia a convencer-se de que os espectaculos dos Srs. Ducci e Ciacchi não eram caros. Os do Polytheama custam a quarta parte do que custavam os do Lyrico, é certo; mas o que resta saber é se em cantores, orchestra, còros e encenação nós temos na rua do Lavradio «a decima parte» do que tínhamos na Guarda-Velha.

Carlos Gomes foi maltratado; queira Deus que o mesmo não aconteça ao autor da *Moema*, a opera brasileira que se acha em ultimos ensaios.

\*

No Recreio voltaram á scena as *Doutoras*, primorosa comedia em 4 actos, de França Junior.

Depois do fallecimento do illustre comediographo brasileiro, é a primeira vez que nos nossos theatros se faz *réprise* de um dos seus trabalhos. E França Junior já morreu ha tres annos...

Apollonia e Ferreira incumbiram-se, comona primitiva, dos papeis de Luiza e Pereira, em que eram e são inimitaveis; mas o do Praxedes, creado pelo pobre Castro, foi agora confiado ao provento Maggioli, o da bacharela Carlota de Aguiar passou das mãos de Herminia ás de Adelaide Coutinho, e no de Maria Praxedes Leolinda foi substituida por Livia Maggioli.

Esta ultima substituição contrariou-nos. Leolinda interpretou magistralmente aquelle papel, e a empreza do Recreio Dramatico devia esforçar-se para que ella voltasse a desempenhal-o agora. Isto não quer dizer que Livia Maggioli, actriz intelligente e estudiosa, não dê boa conta do recado, mas ha certos papeis em certas peças que, sendo possivel, só devem ser feitos por certos artistas. E' o caso do papel de Maria Praxedes. E nós sabemos que era possivel...

O que poderiamos dizer das *Doutoras*, disse-o, pelo *Diario de Noticias*, Figueiredo Coimbra nas seguintes linhas, que fazemos nossas:

« Que bella e merecida coroação foi a d'esta obra, escripta com tanta graça, tão penetrante observação, tão luminoso criterio e tão profunda sciencia do effeito scenico !

« Foi a penultima composição do pranteado escriptor e foi a sua obra prima. Direi mesmo com rude franqueza : não esperava que subisse tanto o

engenho d'esse comediographo privilegiado, que em ninguem aprendêra o segredo de fazer rir o povo com despreoccupação absoluta e immenso prazer. Não esperava tanto, repito, posto que desde muito me habituára a admirar o escriptor em trabalhos de menor folego, mas não destituídos de consideravel valia. Somente, eu acreditava que para a gloria de França Junior bastava o que elle já havia escripto, e não suppuz nunca que chegasse a produzir uma comedia perfeita em que ha rasgos verdadeiramente molliêrescos.

« Desde a primeira leitura das *Doutoras* (tres actos incompletos, lembro-me bem) a impressão foi extraordinaria. O escriptor popular, que parecia apenas exercitado na reproducção ligeira dos quadros mais comesinhos da vida fluminense, sorprendia o seu auditorio com uma alta comedia, genuinamente artistica, caprichosamente litteraria e profundamente humana, em que apurava admiraveis minucias de observação e de analyse, emittia com bom humor incomparavel pilherias e conceitos de um delicado philosopho que doura benevolamente a pilula das desillusões—sentidas ou adivinhadas—quando a propina ao seu publico, e desenhava caracteres e costumes com a mais escrupulosa fidelidade. Tudo isto era feito em quatro actos cuja fórma theatral estava inacessivel á critica.

« França Junior pertenceu ao limitadissimo numero dos escriptores absolutamente originaes, que não sedeixam influir por nenhum mestre ou modelo, e têm o culto intransigente da propria individualidade. Escrevendo para fazer representar, soube ser tão brasileiro como Penna, e, buscando os seus assumptos n'um meio tão restricto e monotono como o nosso, soube encontrar nelles variedades pittorescas, que, quando se afastavam do natural, não fugiam muito da realidade. Neste sentido era habilissimo o nosso comediographo, que imaginava com uma discrição rara e observava com uma notavel experiencia.

« Digamos tambem que poucos escriptores alcançaram a unanime consagração que lhe valeram as suas comedias e os seus folhetins. Com estes fez uma especialidade jornalística em que ainda não teve imitador. Mas o folhetinista era apenas um prolongamento do comediographo, o que significava que França Junior escrevia peças com a habilidade pasmosa de as tornar tão agradaveis na leitura como na exhibição.

« A comedia *Doutoras* deve constantemente apparecer nos theatros de genero. Sempre a verei com prazer, porque para os que amam as lettras patrias, ella é um orgulho e um ensinamento.»

Apoiado !

X. Y. Z.